

SBH
Pt 134 ex 14

76/04
Jornal de Letras
s.p.

"Raízes do Brasil": 40 anos

Afonso Arinos

A 24 de setembro de 1971, escrevi de Roma uma carta a José Olympio, a qual serviu de prefácio às Memórias do meu caro amigo Cândido Mota Filho. O livro Contagem Regressiva correspondia ao número 150 da Coleção Documentos Brasileiros que agora, com mais uma reedição do Clássico Raízes do Brasil, de Sérgio Buarque de Holanda, aparecido em 1936, atinge o quadragésimo aniversário com 170 títulos. Da carta-prefácio referida permito-me reproduzir estas frases: "A série de livros memoráveis editados pela Casa, iniciada por Gilberto Freyre, continuada por Otávio Tarquínio de Sousa e que hoje tenho a honra de coordenar... a nossa Documentos Brasileiros constitui um dos maiores monumentos da cultura nacional... A geografia, a história política, a história literária, a crítica, a sociologia, a biotipologia e a caracterologia, a história das idéias, a filologia, o folclore, o urbanismo, a interpretação sociopsicológica, a evolução da técnica e do trabalho, a biografia, a história administrativa, a etnografia, a colonização, a miscigenação, a história religiosa, a história militar, a história econômica e, finalmente, as memórias, eis o vasto campo, pode-se dizer a totalidade do Brasil no seu corpo, na sua alma, na sua cultura, na sua evolução, nas suas esperanças".

Ao lado destas palavras é uma satisfação colocar estas outras, do Mestre Gilberto Freyre, que abriam em julho de 36 a primeira edição de Raízes do Brasil, palavras antecipadoras tanto sobre Sérgio quanto sobre José Olympio: "O escritor paulista é uma daquelas inteligências brasileiras em que melhor se exprimem não só o desejo como a capacidade de analisar, o gosto de interpretar, a alegria intelectual de esclarecer... Animando-a (a Coleção) o jovem editor José Olympio mais uma vez se revela bem de sua geração e de seu tempo." Seu tempo, aquele tempo, nosso tempo, tempo do Brasil. Hoje, José Olympio, Gilberto, Sérgio e o signatário destas linhas já passamos dos 70. Com o saudoso Otávio Tarquínio nós, os autores, escrevemos mais de uma centena de volumes, que estão entre as quase quatro mil edições da Casa. Nós os setentões formamos uma geração que tal-



SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA

vez fique esquecida, entre outras, na cultura brasileira. E quando digo isto estou pensando em José Lins, em Armando Fontes, em Calmon, em Graciliano, em Drummond, em Murilo, em Rosa, em Nava e não falo em vo-

cê, Rachel, por não ser de bom gosto tocar em idade de senhoras.

Sérgio Buarque de Holanda começou sua carreira com um livro definitivo: este. Depois foi a sucessão de estudos fundamentais, que o levaram à posição de vanguarda que ocupa, sem contestação nem ressentimentos, na história e na interpretação do Brasil e da sociedade brasileira. No livro e na cátedra, no Brasil e no estrangeiro, Sérgio atingiu uma dimensão e uma responsabilidade de que ele mesmo talvez não se dê conta. Ele me disse certa vez, em Lima, que era "o pai de meu primo Chico", mas eu pensava, sem dizer, que meu primo Chico era filho de Sérgio Buarque e também por isto me orgulhava pelo Chico.

Que posso acrescentar sobre a obra numerosa, densa e de impecável dignidade formal que Sérgio nos lega em plena vida? Seria estulto fazer qualquer tentativa apressada de avaliação. Prefiro manifestar minha segurança naquilo que ele ainda nos vai entregar no seu rijo Frutidor. Uma coisa é certa. Passar-se-ão muitos anos antes que um outro escritor brasileiro apresente obras que ultrapassem Raízes do Brasil, Visão do Paraíso ou este admirável e tão pouco falado (não sei por que) Do Império à República. O jovem amigo que há meio século — que, com outro fraterno companheiro que é Prudente, mudou, nos meus vinte anos, a concepção da literatura e me abriu novos caminhos à curiosidade intelectual — foi passando da contestação à reflexão, da novidade à criação, do desafio à resposta. É com saudade que me lembro do Sérgio daqueles anos de Faculdade, do seu monóculo, da sua extraordinária informação, da sua zombeteira capacidade de decifrar os enigmas que nos cercavam. Os moços que então éramos já não existem.

Mas hoje existe Sérgio Buarque de Holanda, que teve o privilégio de descobrir mal apontou, e que agora saúdo como um dos nossos maiores, em qualquer tempo.

Jornal de Letras
abr. 76